

Mulher da blusa branca e saia preta

Nelcides: O que aconteceu comigo é de terror, e essa história é verdadeira.

Eu tenho uma irmã chamada Nilda, e nós éramos muito unidas. Aí um certo tempo depois, que meu pai morreu, começamos a brigar muito.

A minha mãe falava assim: “Não, eu não tô feliz com vocês porque vocês estão brigando muito depois que seu pai morreu. Não deveria brigar, porque quando seu pai era vivo, vocês não faziam isso.” Aí nós obedecemos, porque a gente tinha medo também. Ela deu umas puxadas de vara e nós obedecemos.

Quando foi no outro dia, aí nós pedimos ela para ir tomar banho no rio. Ela não deixava: E não é porque ela não queria que a gente fizesse banhar no rio. Era medo da gente. Porque brigava muito, o medo era de uma fazer arte com a outra lá. Porque ela não podia ficar olhando. Nós era criança.



No dia seguinte, pedimos de novo, e ela deixou. Aí nós fomos. Quando chegou lá, o que que nós duas fizemos? Nós montamos uma na outra, uma tentando afogar a outra. E ela viu de

lá e desceu correndo. Mas enquanto ela desceu, apareceu uma mulher de roupa, saia preta e blusa branca em cima da pedra. E falou assim: “não briga”. Nós achamos que isso era a nossa avó ou então a nossa tia. Falou: “não briga. A sua mãe tá chegando”.

E por isso nós não matamos umas anzotas tentando afogar dentro da água. Porque essa mulher apareceu pra nós. Mas nós não tivemos coragem de voltar nesse rio mais nunca sozinhas. Até hoje que eu passo lá, eu enxergo essa mulher em cima daquela pedra. Não gosto nem de ir por lá. Porque pra mim aquela mulher que tá lá naquela pedra nunca saiu de lá.

Luana (Entrevistador):
Mas você reconhece?

Nelcides: Reconheço,
não vejo a face. Eu vejo
a roupinha, o corpinho.
Ou é minha avó ou é
minha tia. Aí, né? Fico
olhando e acho uma
coisa de doido. Depois
disso, minha mãe
chegou, fez nós ir



embora. Só foi no outro dia, nós tava escondidinho de minha mãe. E fomo pro rio. Ô minha filha, quando chegamos lá, a mulher estava de novo na pedra. Com medo, saímos correndo. Eu consegui ir na frente; minha irmã ficou para trás. Havia um moleque preto atrás dela, pulando, e ela gritava sem parar. E eu olhava e eu vi o moleque também. E ela gritando e aquele trem tentando pegar ela. Aí quando passou dali um mês, minha irmã adoeceu. Ela adoeceu e depois disso, ela teve uma febre. E aí deu um negócio... assim, parece que mexeu com o psicológico dela. Aí deu nela uma doença que chama alopecia. Vocês vê ela aqui, ela não tem cabelo. Segundo os médicos que fez o tratamento, eles falam que... a gente contou essa história, né? Que foi o susto, o medo mexeu com o psicológico dela. E que às vezes era até do nosso imaginar o que vimos.

Nunca mais voltamos àquele rio. Até hoje tenho medo de passar lá. Pra mim, aquele lugar tem algo errado.

Luana (Entrevistador): Qual o nome da sua irmã, tia?

Nelcides: Nilda, que trabalha aqui na biblioteca. Se perguntar pra ela, ela conta pra vocês. Acho que era nossa tia, que já morreu. Quando a gente era pequena, nós tinha um cabelo muito grande, eu e minha irmã, essa que eu tô te contando. Aí a gente pegava piolho — era uma coisa que não acabava mais. Em vez dela cuidar do nosso cabelo, ela cortava tudo. A gente ia pra escola de cabelo raspado e era muito discriminada. Porque os meninos danavam tudo a discriminar nós, porque a gente tinha o cabelão, e depois a gente não tinha nada — o cabelo tava rapado no zero. Mas era pra tirar os piolhos, porque pegava e começava a fazer



aquele monte de broto, de tanto piolho. Aí, um dia, menina, ela (Tia) morreu. E a gente acredita que foi até por essas doenças que ainda tem hoje no mundo. Ela morreu e deixou dois filhos — que vocês conhecem: um é o Kinka, e o outro é o irmão dele, Josimar.

Esses dois meninos ficaram pequeninhos. Cuidados por a minha madrinha Adelaide. Que é a mulher do Zequinha. Aí, um dia, eu trabalhava na escola lá de Estiva e como eu tinha medo de passar de noite sozinha que era uma estrada bem coisa. Eu levava o Kinka comigo.

Aí, um dia, na estrada, eu levando ele, subindo a ladeira. Falei pra ele: “Você vê como é que é as coisas? Hoje, nós damos tanto carinho... Vocês perderam a mãe de vocês, e nós

cuidamos de vocês com tanto carinho. E ela judiava tanto de nós. Cortava nosso cabelo, a gente chorava e ela cortava — porque nossa mãe não cortava. A gente chorava, ela batia na gente e cortava por causa dos piolhos. Mas nós não vai fazer maldade com vocês.” Hoje, a gente podia estar fazendo maldade com os filhos dela, mas a gente tá cuidando.

Menina, eu tava montada na mula. Só via a mula. E eu esporeava. Essa mula não ia. Aí eu vi coisa com a cancela lá em cima. Tava batendo. Não aparecia ninguém. Essa cancela batia de novo. A mula bufava. E eu tocava a mula. A mula não ia. Ele disse: “O que acontece é que essa mula vai pular comigo.” Ele desceu da garupa. Quando ele desceu da garupa — menina — a mula foi sartando, foi sartando. A mula bufava. Um pouco veio aquela voz e falou assim:

“Olha, você está falando de judiar do meu filho?”

E eu respondi: “Eu não tô falando de judiar de ninguém, não. Só tô dizendo que eu até deveria, porque fui muito judiada. Mas se é você que tá fazendo isso com o meu animal, pode sair da garupa dessa mula e sair do meu caminho, porque eu preciso ir!”

Credo! Aquele trem falava assim. A gente não passava nada. Eu esporava, dei volta pra trás. Nem aula eu fui dar. E fiquei dias sem poder passar por aquela estrada. Toda vez que eu ia, lembrava daquilo. Não consegui mais passar. Até hoje eu lembro da mula empacada, pulando.

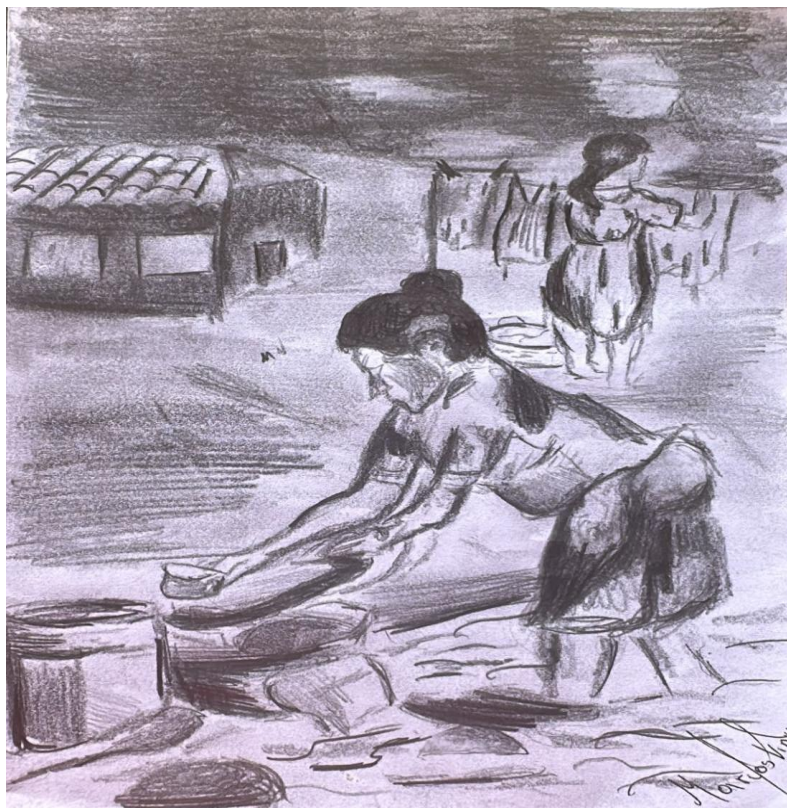
Antigamente tinha umas coisas feias. As pessoas não eram iguais hoje. Hoje também tem coisa feia, mas os estudos foram avançando. Tem lugar para o povo. As pessoas que têm... ou que sejam... que desenvolvem esses espíritos nelas, tem um lugar pra ficar. Não é como antigamente. Tem centro de recuperação, tem quem saiba lidar com esse tipo de coisa. Só que antigamente não tinha. É igual esses meninos especiais. Antigamente, esses meninos não tinham vez. Se vocês lerem, desde os tempos primordiais, sobre a educação espiritual, vão ver que esses meninos não eram tratados como hoje. É ser humano igual a gente. E o povo excluía, achava que a pessoa não tinha direito de viver. A mesma coisa com esses espíritos imundos. Esses espíritos... se a gente ler Allan Kardec, tem a crença do espiritismo, tem a reencarnação. Eu creio que isso realmente existia.

Luana (Entrevistador): Eu acredito não.

Nelcides: Eu também não. Eu penso que foi evoluindo. O ser humano foi evoluindo. Então cada um foi se cuidando do que pudesse. De não te atacar. Mas as crenças, as histórias de antigamente. Era muito legal. A gente parava para ouvir o pessoal. Espero que isso passa para as próximas gerações.

O Vento no Corno das Contendas

Era um tempo bem atrás, já faz muitos anos isso. A gente lavava roupa no "corno", buscava água lá no Corno das Contendas, perto da casa da finada Madalena, onde morava a Domiciana Madalena.



Aí eu fui mais cedo apanhar as roupas que tinha lavado e tomar banho. Fiquei tomando banho até escurecer. Quando pegou escurecendo, juntei as roupas, fiz o balaião, amarrei dois sacos e joguei na cacunda. E levei pra cidade de fora.

Quando eu tava levando, vi um algo. Uma rixa de um lado, outro rixa do outro. Daqui a pouco eu vi o mato... lá tinha uma marva, uma marva azulada. Vi a marva deitar assim, senti aquele vento em mim. Daqui a pouco só via minhas pernas, tudo ficou dormente. Não vi o que era mais tinha alguma coisa lá. Aí joguei toda a roupa no chão e corri lá pra casa do Antônio, Antônio Dallana.

Falei: “Ô Antônio, vai, moço, lá, porque aconteceu isso e isso...” Contei a mesma história que contei agora.



Antônio falou assim: “eu já passei boca quente. Isso aí é pequeno, você tá contando. E eu não vou, só quando o Mazinho chegar da escola.”

O Mazinho ia chegar que hora? Onze horas ou meia-noite que ele chegava. Aí, eu esperei o Mazinho chegar. Pensei: mãe era corajosa, ia lá. “Vamos buscar aí.” Mãe não foi, foi nada. Mãe ficou na estrada, pensando que eu tinha ido pra casa da minha avó.



Quando é lá pra meia-noite e meia, chego em casa. O saco de roupa que eu lavei, que tava seca, ficou tudo no mato lá.

Isso já faz muitos anos. Isso deve ter... tem mais de 36 anos, né? Será? Trinta e seis, não... 32 anos já tem. Nossa Senhora! 36 mesmo, porque só o Marpaio já tá com 30 anos...

Aí, depois disso, eu larguei de ficar andando muito de noite, porque tem hora que apresenta muita coisa esquisita na vida. E a gente labuta demais, né!?...

História do Lobisomem

Luana (Entrevistador): Vamos lá, tia. Pode começar?

Nelcides: Então, eu vou contar pra você o que a minha mãe contava.

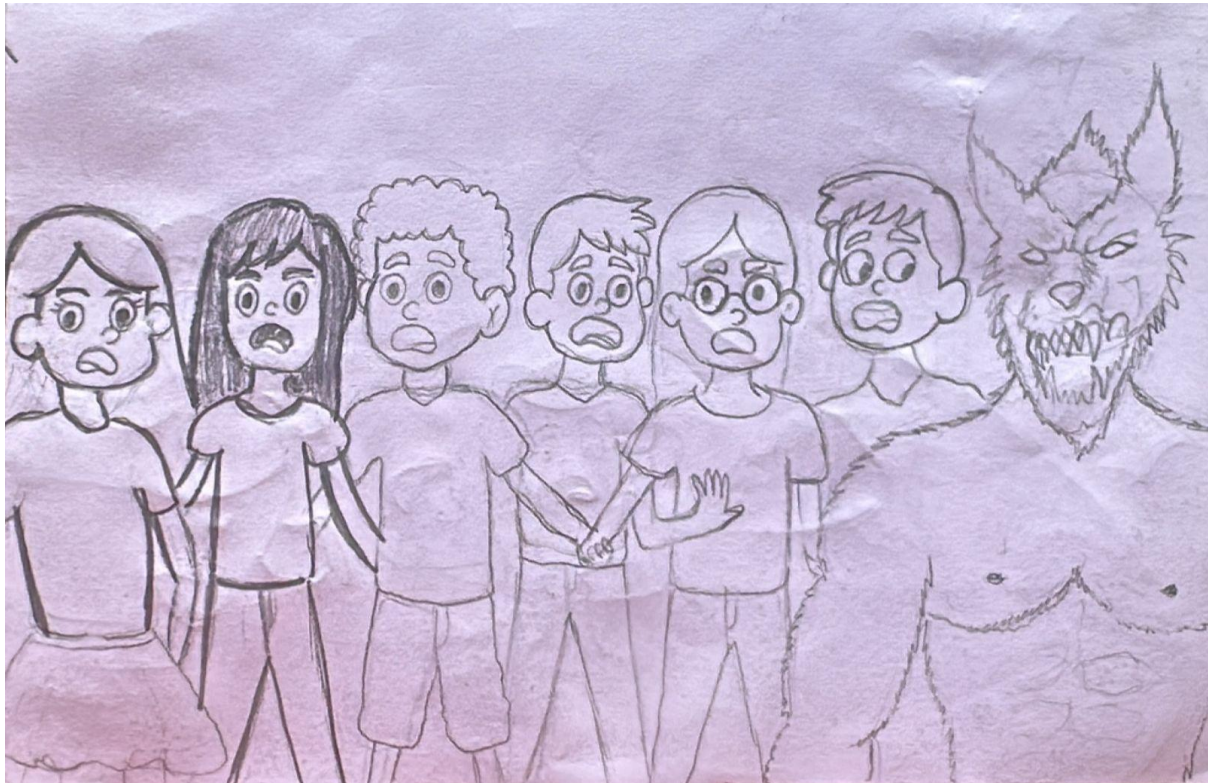
Nelcides: Naquele tempo que a gente era pequena, não era como hoje, não é igual vocês, que tinha televisão, essas coisas. Então, o que a minha mãe fazia? Ela fazia uma fogueira e a gente sentava em volta, porque ia até dar um tempinho de hora pra gente deitar e dormir. Aí, né, a gente fazia bastante xixi na cama. Então, ela já gostava que a gente deitava um pouquinho mais tarde, pra que a gente pudesse não fazer xixi na cama, mas fazer xixi antes de deitar.

Aí, ela nos reunia em volta da fogueira e contava história. Contava a história que a avó dela também contava pra ela.



Ela dizia que, quando uma mulher casava e tinha filhos, se o sétimo filho fosse menino ou menina, não importava, o sétimo sempre virava lobisomem. Aí, ela falava que quando era no

tempo da quaresma, que essa criança, né, transformava. Saía de casa durante a noite, virava lobisomem e ia perturbar as pessoas.



Aí, ela contou que a avó dela estava um dia com um dos filhos deitados e viu uma coisa puxando o xale, que era xale que tinha. Não tinha essas mantas estranhas de hoje. Quando olhou, era um lobisomem que estava com aquele dentão. Aí a avó pensou: “O sétimo filho da minha mãe é o sétimo... Será que é ele que virou lobisomem e veio fazer graça comigo?”

Aí, naquele tempo, não tinha telefone para ligar e confirmar, né?

Luana (Entrevistador): Você sabe? O que que ela fez?

Nelcides: Ela pediu o esposo dela pra...

Luana (Entrevistador): No caso, seria o irmão dela?

Nelcides: Seria o... No caso, seria o tio dela. O tio dela. Ela pediu para o marido dela pra segurar a criança. E chinelou na estrada.



Foi embora pra lá. Chegou e falou assim: “Mãe, já tá tarde. Não se assusta não, que não é nada não. Só vim pra saber se é verdade que nosso irmão vira lobisomem. Porque foi ele que foi lá e puxou o xale do meu menino hoje. Foi ele!!!”. Um lobisomem é a coisa mais feia do mundo. Puxou o xale assim e levou lá pra longe. Quem é que ia saber, né? Do lugar onde eu fico... Quem estaria ali naquele espaço? Só podia ser ele, porque ele é quem conhece bem lá de casa. Olha na cama se ele tá deitado. Aí, quando a velha chegou lá... realmente, ele não tava.



Luana (Entrevistador): Sério?

Nelcides: Então, ela acreditava que ele tinha saído mesmo. Que ele virava lobisomem. E que, pra desvirar, só depois da meia-noite. Aí ele voltava a ser gente de novo e vinha pra casa.

Eles contavam essa historinha pra gente e sempre alertavam: “Posso garantir que é verdade. Vocês não fiquem em tal lugar, assim ou assado, principalmente na quaresma.

Mas se vocês ficarem aí, ó. Vai vir lobisomem. Quer dizer que era parente da família vira lobisomem. E a gente era bobo. Diziam pra gente que as crianças vinham pelas cegonhas, e a gente acreditava mesmo; que ela tinha ido lá, que era verdade, que ela tinha vindo. E que aquele homem era lobisomem de fato. Então, a gente tinha medo. A gente não saía, no tempo de quaresma, pra campo nenhum.

Luana (Entrevistador): Tem o negócio também da criança que não é batizada. Tinha isso também. Um lobisomem que gosta do pé de goiaba. Tudo isso. Tudo isso!! Mas, na verdade... Nem faz sentido.

Nelcides: É, mas, na verdade, o que é que eu entendo!? Eles tinham vontade de moldar a gente como cidadã. Então, eles usavam essas histórias. Sendo elas verdade ou mentira. Não é que eles via contar mentira pra gente.

Na verdade, eles usavam aquilo como um meio. De organizar a vida da gente. Ensinando pra gente o que era certo, errado. O que devo, o que não devo. E aí, tipo assim... Eram meios de impor ordem. O medo da gente. E a gente... Obedecia. A gente não saía. E a gente, mocinha... Eles não gostavam que a gente saísse. Só pra você ter uma ideia. As janelas dos quartos da gente... desse tamaninho, ó... Pra a gente não pular pela janela



pra sair. Só que ela falava que foi até lá. E até hoje a gente não sabe se era verdade ou mentira. Será que ela realmente foi? Porque ela foi mesmo. E ela disse que não encontrou o tio dela.

Luana (Entrevistador): Que falou isso com você.

Nelcides: Era minha bisavó!

Minha bisavó. Chamava... Nós tratávamos ela de tia. O nome dela era Corina, Corina Pereira da Silva. Mas, até hoje, a gente não sabe se o que ela contava era verdade mesmo ou se era mentira. Tem tanta história daquele tempo, né? Porque já passou, e nem tem como a gente saber agora; as pessoas já morreram!

Tanta coisa diferente de hoje em dia...

Memórias da Vó Tereza

Vó, como é morar em José Gonçalves de Minas?

Bom, eu moro aqui já há 46 anos. Passei por bastante luta, mas a gente lá vai vencendo.



Como era a sua vida antigamente?

Antigamente a gente não era igual a hoje, que a gente tem tudo, né!? Naquele tempo não tinha. A gente tinha que fazer as coisas, a gente era mais sofrida. Corrigia o budão na roça, fiava, fazia cobertor para a gente cobrir, roupa para vestir também, a gente fazia. Quando eu fui criada, minha mãe trabalhava na roça, eu ficava com as crianças. Às vezes eu cuidava da casa, fazia comida, cuidava das criações também. A gente lavava roupa no rio. Não tinha água encanada. Lavava a roupa no rio mesmo. Fazia o sabão de mamona pra lavar a roupa.

Vó, você completou seus estudos?

Não. Não tinha condições de estudar porque não tinha escola perto. A escola era muito longe. E a gente também trabalhava, né!? A gente não tinha benefício nenhum para ajudar na vida da casa. Então os pequenininhos trabalhavam. Ficava com os outros para a mãe trabalhar. Quando a mãe não estava trabalhando, a gente ia para a roça também ajudar. Plantava, ajudava a plantar. Catava a leira de cisco com o pai na roça. Então era desse jeito

Há algo no passado que você sente saudade?

Sim. Eu sinto saudade da minha mãe, da minha avó, do trabalho que a gente fazia juntos, sabe? Ela nos fazia vazia de barro, pote para carregar água, fazia panela também para cozinhar, fazia de barro. Fiquei saudada também do meu trabalho, quando eu era mais jovem, que eu tirava o leite, fazia os produtos para vender: requeijão, queijo doce, para vender, para comprar as coisas para os filhos em casa.

Qual é a lembrança mais feliz da sua infância?

Lembrança mais feliz é a liberdade que a gente tinha de andar no mato, na floresta. A gente subia no coqueiro, cortava o cacho de coco, aí a gente cortava ele verde, ainda bem verde, acendia uma coisada de fogo, colocava ele passar, aí quebrava, tirava as castanhas inteirinhas, mole, era gostosa. Que tinha bastante coqueiro na terra lá do meu vô. Uma das coisas também que eu tenho muita saudade é que eu brincava com meus irmãos, carregava eles, a gente tomava banho no córrego, brincava com as crianças. E hoje a gente não tem eles mais perto, não existe mais. Estão todos longe, e isso me resta muita saudade.

Vó, que conselho você daria aos jovens de hoje em dia?

O conselho que eu dou aos jovens de hoje em dia é que eles aproveitem bastante, sejam obedientes, sejam honestos, e que também aproveitem na parte do estudo. Porque se eu tivesse tido a oportunidade de estudar, hoje eu poderia ter uma vida mais diferente, mas como eu não tive, isso me fez muita falta. E hoje eles têm a oportunidade de estudar. E que aproveita bem a infância, porque só temos uma, e depois só resta saudade.

HISTÓRIAS
SOBRE
JOSÉ GONÇALVES
DE MINAS
(GANGORRA)

Dona Daci e suas lembranças sobre José Gonçalves de Minas



José Gonçalves de Minas. Minha terra, meu município. Eu amo José Gonçalves de Minas. Eu não sou gonçalvense porque eu nasci em Berilo, mas de coração eu sou gonçalvense. Desde 1900 e... Quer dizer, eu tinha 12 anos quando eu mudei para aqui. Então, olha para você ver, hoje eu estou com 72 anos. Então, é uma longa história, né!? Desde que mudei para aqui, eu aprendi a amar essa terra. E meu pai foi o primeiro escrivão daqui, né!? Primeiro tabelião, e eu ao lado dele, sempre. Depois que eu voltei para Berílio

para me concluir um pouquinho de estudo lá, depois retornei para cá, e em 1971 eu comecei a minha vida de professora. Comecei a trabalhar na comunidade Farinha Seca, depois eu vim para cá em 1972, E em 1974 eu me casei aqui, com um homem daqui, então, aproximei mais.

José Gonçalves de Minas era distrito de Berilo, quando eu mudei para aqui. E depois de muita luta, a gente conseguiu emancipar José Gonçalves de Minas em 1995, depois de muito esforço. Foi uma luta muito grande, é uma grande história, e todos nós trabalhamos demais. Eu trabalhei muito na emancipação daqui, juntamente com meu irmão, que já não está aqui entre nós. Às vezes, a gente ia fazer os trabalhos à noite e quando a gente dava de conta, o dia já estava amanhecendo, eu tinha que dormir um pouquinho para me eu poder vim trabalhar, porque desde 1995 eu me aposentei como professora e meu pai aposentou como escrivão. E assim eu tomei conta do cartório desde 1995. E aqui houve um plebiscito antes da emancipação.

(Entrevistador) O que é plebiscito?

Plebiscito é uma votação que as pessoas vão votar para a gente saber se o povo quer ou não, no caso, a emancipação. Então, a população toda votou no sim. A população votou para emancipar. E essa emancipação ocorreu no dia 22 de dezembro de 1995. Graças a Deus, é uma grande cidade. José Gonçalves de Minas é um pedacinho do céu para nós. Graças a Deus. E está tudo bem. Nós temos independência própria. A cidade tem desenvolvido muito. E é isso aí. Eu amo essa terra. Eu aprendi a amar essa terra.



Dulce e suas lembranças sobre sua história na Escola Estadual Doutor Tancredo neves

Meu nome é Dulce Ney, conhecida como professora Dulce. Trabalho na Tancredo desde 1997.

A Escola Estadual Dr. Tancredo Neves teve sua primeira autorização para o funcionamento em 15 de 2 de 1952. Também teve autorização para a extensão de 5ª e 8ª série em 24 de 4 de 1989 e A implantação do ensino médio em 22 de 10 de 1998.



É a única escola do município que oferece o ensino médio. E, por um bom tempo, foi a única que ministrava toda a educação básica, tanto o ensino fundamental quanto o médio. Hoje já podemos contar com mais algumas escolas do município, mas a Tancredo já foi a principal. E daí, o seu papel fundamental na educação dos habitantes do município.

Podemos dizer assim que a Escola Estadual Doutor Tancredo Neves, ela já contribuiu para a formação de muitos cidadãos que hoje figuram aí na sociedade. Muitos bons cidadãos trabalham em diversas atividades, tanto no município quanto fora dele.

Minha experiência na Tancredo teve início em 1997, onde comecei com língua portuguesa, depois trabalhei como professora de ciências e desde 1998 trabalho com geografia, como professora de geografia e atualmente como professora de projeto de vida. É uma experiência valiosa, onde todos os dias eu ensino e também aprendo.

Eu só tenho a agradecer a Deus por ter me dado essa oportunidade de conhecer pessoas excelentes como alunos, funcionários da Tancredo e de poder também demonstrar o meu trabalho, o qual eu sempre tive vontade de realizar.

Além de professora, durante 11 anos, exerci também a função de vice-diretora, ao lado da diretora Dona Lia, e onde eu pude também ter uma experiência diferenciada do que é a sala de aula.

Durante o seu período de funcionamento, foram vários diretores que passaram por essa escola, cada um deixou o seu trabalho, a marca do seu trabalho, continua deixando, onde o espaço foi bastante ampliado, bastante modificado. Hoje a gente ainda não tem aquela escola dos sonhos, mas acredito que a escola já melhorou muito e continua melhorando. Já tivemos também um número muito grande de alunos, mais de mil. Chegamos a trabalhar com mais de mil alunos, hoje esse número está reduzido, até mesmo por conta das outras escolas que hoje também ministram a educação básica. Mas a escola, para mim, ainda é um espaço de conhecimento, é um espaço de formação do cidadão. Ao meu ver, ela desempenha muito bem esse papel.



Memórias de Um Tempo - Antônio Lago

Katia (Entrevistadora): Boa tarde, estou aqui com o senhor Antônio Lago morador do município de José Gonçalves de Minas. Vou fazer uma entrevista com ele para que contem um pouquinho dos causos, como são as histórias aqui de José Gonçalves. Antônio, fala para nós, conta um pouquinho: como era antigamente aqui, quando você era mais novo? Como era a vida na roça, aqui na Fazenda Lago? Era do mesmo jeito que hoje? Mudou alguma coisa? Como era viver na roça antigamente?

Antônio: Ah, hoje é totalmente diferente, né? Mudou da água para o vinho. Antigamente aqui



na Veixeca, o povão se ajudava de todas as formas, né? A gente ajudava a derrubar o mato, estocar, plantar, colher... hoje é totalmente diferente, hoje não se engaixa ninguém mais nesse sentido, que ajuda. As coisas hoje estão totalmente... só que mudaram muitas coisas para melhor, né? Graças a Deus, muitas coisas para melhor. A diversão minha... a primeira coisa era o cavalo de pau, né? Andar no cavalinho de pau, ia tomar banho no rio, brincar de esconder-esconde... Era assim, nossa vida cotidiana, naquele tempo.

Ah, minha vida na roça foi sempre sofrida. Trabalhando... Naquela época a gente vivia trabalhando pra fora, pros outros. Tinha gente que nem aqui mesmo, na fazenda, a gente vinha trabalhar. Vinha cantante, vinha todo mundo trabalha aqui. Chamava ali umas três pessoas, mas tinha vez que vinha até cinquenta pessoas. Chegou aqui e a gente recebeu todo o mundo bem, né? Alimentava a gente, e a gente também alimentava. E aí a gente recebeua... um pouquinho de dinheiro, recebia alimento, sabe? Do que tirava da roça, davam pra gente.

Katia (Entrevistadora): Teve momentos que você pode dizer assim que passou fome? Você sentiu fome alguma vez?

Antônio: Não, às vezes sim. Vontade de querer ter as coisas e não tinha? Não tinha. Aí tinha algumas vezes que a gente não podia sair. O que a gente faz? A gente pegava a ganhaçaia lá no mato. Naquele tempo chovia muito, aí a gente cortava ela fininha e fazia aquela salada, temperava. Faz uma salada, o que se chama? Ganhaçaia. Ganha, saia. Que é, um mato. É, hum mato. É um mato que tinha, né? Ela arrancava assim, puxava fora. A gente empalhava, tinha berduega também. Berduega. Cortava ela fininha, fazia aquela farofa também, fininha, era bom demais.

Katia (Entrevistadora): E nas noites, o que vocês fizeram para descansar, até chegar a hora de dormir?

Antônio: Não, naquela época, nós é... A dormida era assim: a gente arrumava uma tábua ali e deixava. É, barba limpa. As camas eram de cate de correia. De couro, né? Couro de boi. Era o cate que é feito de madeira, né? Mas ali era para aquelas pessoas que eram mais velhas, mais graúdas, daquela cama. Agora, as pessoas que nem eu, assim, outros e outros que foram naquela época, o que acontece? A gente tirava a casa, ia para o mato, tirava com as varas fininhas certinhas, e aí fazia aquela geralzinha e dormitório. E ali não tinha cobertura para cobrir. E na época do frio? É, a gente não sente frio, não. Não senti frio, não passei e estava tudo bem.

Katia (Entrevistadora): E quando tinha as festas, como é que eram? Para ir nas festas?

Antônio: As festas eram boas demais! O povo cantava, um violão tocava, sanfona, outro batia o prato, rapava o prato, cantava... Era uma alegria toda, né? Muito alegre.

Katia (Entrevistadora): E o que era o prato principal na festa daquela época? O que vocês comiam que era gostoso de fazer, que servia nas festas?

Antônio: Fazia bolo de folha. Hoje é cabo de machado, né? Os biscoitos. Bebia uma pinga. Era a pinga que era a bebida, tinha gente que bebia ela, fazia a queimada. Outros já rapavam a rapadura e punha dentro da pinga e ficavam assim, virava a queimadinha e bebia.

Katia (Entrevistadora): E também o pessoal da região também é muito religioso, sempre foi, né?

Antônio: Foi. Uma das coisas que você tem na lembrança é uma religião também. O povo não tinha violência. Tinha uns que quando acontecia, acontecia. Mas que nem certas coisas que acontecem hoje, não acontecia de primeira. Era tudo muito mais calmo, né? As pessoas respeitavam uns aos outros, era desse jeito. Você via mais respeito do que hoje. Hoje você não vê tanto, né?

Katia (Entrevistadora): O senhor teve muitos filhos?

Antônio: Os meus filhos são 11. A gente teve bastante dificuldade pra criar, bastante mesmo. Eu saía... A minha esposa sempre está doente, desde quando eu me amiguei com ela. Eu me amei na idade de 13 anos. E aí... Ela ficou grávida e deu um filho. Aí ela é sem saúde, né? Continuava doente, todo ano um filho. Doente, doente, todo ano um filho. E aí, então imperou os 11. E aí pra mim tratar deles, o que eu tinha que fazer? Eu saí pra fora pro corte de cana, ia batendo facão, ia batendo facão pra sustentar eles. Lá eu mandei o dinheiro para ela pegar o alimento ali em Rodolfo. Rodolfo foi uma pessoa que também foi o pai da vida de muitos e de mim. Porque ali até dinheiro emprestado quando a coisa engranava, que às vezes lá não tinha, nos outros lugares tinha e lá não tinha, ele emprestava para mim e entregava para ela. Aí ela comprou nos outros cantos. Era uma mercearia da cidade, do vilarejo, que o pessoal trabalhava no corte de cana e ele fornecia. E aí esperava que nós ir lá e trabalhar, ganhar dinheiro e voltar pra pagá-lo. E sempre foi assim. E lá eu estou até hoje. Nunca saí de lá, né?

Katia (Entrevistadora): Muito bem. Mas hoje você dá graças a Deus, está tudo criado.

Antônio: Graças a Deus. Está tranquilo. Mas o que acontece? Só que no meio disso tem umas mudanças, porque quando ele era pequeno, deu trabalho. E agora, depois de grande, muitos deles dão mais trabalho do que quando era pequeno. O trabalho de agora é que eles querem dominar, né? Eles acham que... de maior. Eu não posso ralhar aqueles aí. Se eu for falar com aqueles aqui, é mais até você. A desobediência hoje é maior. É, é desse jeito. Faça isso antes. Antes você podia dar um castiguinho e eles obedeciam, né?

Katia (Entrevistadora): Isso é a vida, né? Muito bem seu Antônio, Obrigado!

